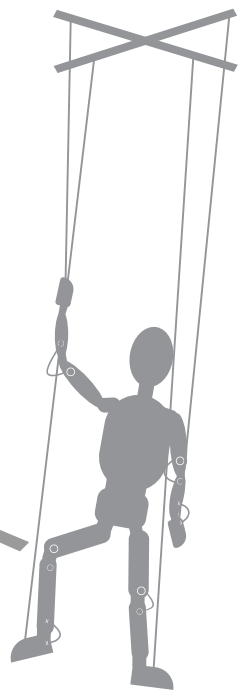
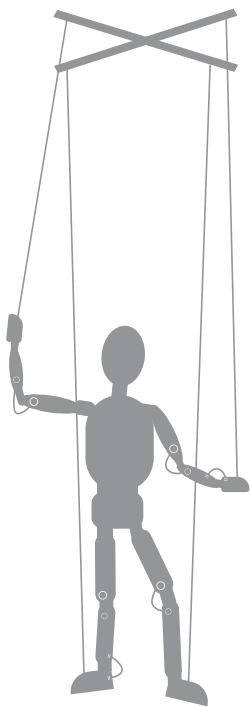


*A* **VIDA** *ENTRE*  
**MARIONETES**



AMOSRA

A VIDA *ENTRE*  
MARIONETES

TJ KLUNE

Tradução  
Rita Süssekind



MORROBRANCO  
EDITORA

PARA A HUMANIDADE:

*Você é meio merda, mas inventou os livros e a música,  
então o universo provavelmente vai mantê-la  
por mais um tempinho.*

*Deu sorte.*

*Desta vez.*

AMOSTRA

Numa antiga e solitária floresta, distante de quase tudo, existia uma curiosa habitação.

Na base de um bosque com árvores enormes, havia uma pequena construção quadrada feita de tijolos, tomada por hera e musgo. Ninguém era capaz de adivinhar a quem pertencia, mas, pela aparência, sugeria estar abandonada havia muito tempo. Até que um homem chamado Giovanni Lawson (que, na verdade, não era homem coisa nenhuma) a encontrou enquanto atravessava a floresta, e a construção passou a ter certo propósito.

Ficou diante da estranha descoberta, ouvindo o canto dos pássaros nos galhos altos.

— O que é isto? — perguntou. — De onde você surgiu?

Ele entrou, cruzando com cautela a porta pendurada pelas dobradiças. As janelas estavam estilhaçadas. Grama e ervas daninhas cresciam através do piso deformado de madeira. Parte do telhado havia cedido, e o sol brilhava através de um monte de folhas que quase alcançava o teto. No topo do monte brotara uma flor dourada que se esticava através das vigas em direção ao sol.

— É perfeita — falou em voz alta, embora estivesse sozinho.

— Sim, vai servir muito bem. Que estranho. Que maravilhoso.

Giovanni voltou cedinho na manhã seguinte, com as mangas arregaçadas até os antebraços. Derrubou as paredes internas daquela construção solitária para criar uma sala única e grande, carregando gesso e madeira para fora, pedacinho por pedacinho, e empilhando-os no chão da floresta. Quando terminou, seu rosto e seus cabelos estavam cobertos de poeira, e suas juntas chiavam, mas estava feliz. O trabalho árduo era recompensador.

— Pronto — disse aos pássaros nas árvores ao limpar o rosto.

— Bem melhor. Um primeiro passo em direção a um recomeço.

A pequena construção logo passou a abrigar uma variedade de coisas: chapas de metal e metros de fios e cordas, baterias de todas as formas e tamanhos, placas de circuito e microchips em potes de vidro. Outros potes continham centenas de sementes de diversos formatos, tamanhos e cores. Havia velhas caixinhas

de música que entoavam canções tristes e vitrolas silenciosas sem nenhum disco. Televisores, tanto grandes quanto pequenos, com telas escuras. E livros! Vários livros contemplando diversos temas, desde botânica até caça a baleias, de animais silvestres a complexos diagramas de reatores nucleares. Eles ocupavam prateleiras do chão ao teto, que Giovanni construiu com os restos do que havia demolido. Só quando colocou o último livro na última prateleira, percebeu que ele próprio não tinha onde ficar. O recinto estava cheio demais.

Não seria muito complicado expandir a habitação, acrescentando um ou dois cômodos. Mas Giovanni Lawson não costumava escolher o caminho mais fácil. Enxergava o mundo em formas e designs complexos e, quando olhou para o alto, para as árvores ao redor, soube o que faria.

Não iria construir para os lados.

Iria construir para *cima*.

Demorou, como sempre acontece nessas situações. Muitos anos se passaram. Precisava ser perfeito. Era seguro entre as árvores, longe das luzes fortes e ofuscantes e da cacofonia da cidade que deixara para trás.

Nos galhos das árvores acima da casa, ergueu uma pequena construção nova ao redor do tronco sólido do abeto mais alto, o verdadeiro rei da floresta. A partir dali, construiu diversos outros cômodos nas árvores, todos conectados por pontes de corda — um laboratório e um solário, o telhado feito de vidro fumê arranhado, o piso de placas brilhantes de carvalho, sem paredes. No futuro, o solário se tornaria algo diferente.

A floresta era vasta e selvagem. Duvidava que alguém fosse capaz de encontrá-lo ali.

Nos dias de sol, um rebanho de cervos pastava na grama abaixo dele, e os pássaros cantavam acima. Giovanni cantarolava, acompanhando a canção. Estava em paz.

Em paz até o dia em que seu peito começou a doer.

— Nossa — disse. — Que sensação interessante. Está ar-  
dendo.

Fez cálculos no laboratório. Digitou no teclado, o *claque claque claque* ecoando ao redor.

— Entendo — assentiu Giovanni, no 52º dia após sentir a dor no peito pela primeira vez. Encarou a tela, verificando os números. Era solidão, pura e simples. Números não mentem jamais.

Mais três anos se passaram. Três anos em que a dor no peito só se intensificou. Três anos de percepção silenciosa, de vontade de ouvir uma voz que não a sua. Observou pela janela do laboratório e viu que estava nevando, quando até a véspera, a floresta vivia o auge do verão.

Certo dia, que começou como qualquer outro, duas pessoas irromperam das árvores com os olhos arregalados de pavor e a pele escorregadia de suor. Um homem e uma mulher. Ela agarrou um pacotinho de trapos contra o peito.

Giovanni se assustou.

— Ajude-nos! — gritou a mulher. — Por favor, você tem de pegá-lo. Pegue-o e esconda-o. Não é seguro.

E então ela estendeu o pacotinho de trapos.

Só que não eram apenas trapos.

Embrulhada com firmeza ali dentro, havia uma criança.

Um menino que piscara lentamente para Giovanni antes de fazer uma careta e chorar.

— O que aconteceu? — perguntou, olhando alarmado para a mulher. — Venham, venham. Vou mantê-los em segurança. Todos vocês.

Mas a mulher balançou a cabeça.

— Eles vão nos encontrar. — Lágrimas corriam por suas bochechas quando ela deu um passo à frente, beijando a testa do bebê. — Eu te amo. Voltarei assim que puder.

O homem falou:

— Depressa. Estão vindo.

A mulher riu amargamente.

— Eu sei, eu sei. No fim das contas, eles sempre vêm.

O homem a pegou pela mão e a puxou para longe, longe, longe.

— Esperem! — Giovanni gritou para o casal. — O nome dele!

Mas já tinham ido.

Nunca mais viu outra pessoa. Ninguém jamais apareceu à procura do homem e da mulher. Ou da criança. E ele nunca mais viu o casal.

Mais tarde, bem mais tarde, quando o menino estivesse crescido, Giovanni contaria que a mulher, sua mãe, não queria deixá-lo.

— Ela vai voltar — diria à criança. — Um dia, quando estiver tudo bem, ela vai voltar.

Até aquele momento, havia desejado uma criança, e agora tinha uma. Ah, que sorte! Que maravilha!

Giovanni levou um bom tempo para decidir como nomear o bebê. Foi quando as folhas estavam mudando de verde para vermelho e dourado, que encontrou a designação perfeita.

— Victor — disse ao filho. — Seu nome será Victor. Victor Lawson. Que tal?

A solidão que sentira — imensa e profunda — afastou-se como se jamais tivesse existido.

Giovanni se preocupou quando Victor cresceu, cresceu e cresceu, mas ainda não falava. Sabia que o menino o ouvia quando falava, conseguia ver que ele entendia.

— Tem algum defeito na sua programação? — perguntou ao menino quando a criança tinha quatro anos. — Cometi algum erro?

Victor não respondeu. Em vez disso, ergueu os braços, abrindo e fechando as mãos, os dedinhos batendo nas palmas.

Giovanni fez o que lhe foi pedido. Ergueu Victor, abraçando-o gentilmente contra o peito. A criança emitiu um pequeno



ruído que ele interpretou como alegria, seu rostinho pressionando o peito do homem.

— Não — disse Giovanni. — Você é exatamente como deve ser. Eu não deveria ter questionado isso. Se existisse perfeição no mundo, seria você. — Seu peito doeu mais uma vez, mas por um motivo totalmente diferente. Ele não precisava calcular o que sentia agora. Sabia o que era.

Era amor.

E, apesar de desejar mais que tudo que Victor falasse com ele, deixou para lá. Se tivesse de ser, seria.

Mais dois anos se passaram até que Victor dissesse algo pela primeira vez.

Estavam no laboratório. Victor, sentado no chão. Ao seu redor havia pequenas hastes metálicas. Giovanni precisou de um instante para reconhecer o formato em que o menino as montara. Dois bonecos de palitinho, um grande e outro pequeno, de mãos dadas. Soltou um grunhido e esticou o braço para brincar com as pernas deles.

Então o garoto — Victor Lawson, filho de Giovanni Lawson — disse:

— Você. — Apontou para o boneco maior. — Eu. — O menor. Sua voz era baixa, áspera pela falta de uso. Mas estava ali.

— Sim — Giovanni respondeu baixinho. — Eu e você. Sempre.



## PARTE 1

### A Floresta

“Consciência é aquela voz interior que as pessoas não escutam.”

— Carlo Collodi, *As aventuras de Pinóquio*

# CAPÍTULO 1



Um pequeno aspirador robô gritava ao girar em círculos concêntricos, os braços esguios com pontas de pinças acenando desgovernados.

— Ai, deus, ai, deus, nós vamos *morrer*. Eu vou deixar de *existir*, e não restará nada além de escuridão!

Um robô muito maior estava parado perto do aspirador, observando-o ter um ataque de nervos pela milionésima vez. Esse outro não tinha braços, pernas ou pés. Em vez disso, a antiga robô Enfermeira Clínica Modelo Seis-Dez-JQN Série Alfa era um longo retângulo de metal, com um metro e cinquenta de altura e sessenta centímetros de largura, e seus velhos pneus carecas tinham sido substituídos por metais endentados, não muito diferente dos de um tanque. Quando abertas, duas portinhas de metal, uma de cada lado da base, revelavam doze tentáculos metálicos que terminavam em diversos instrumentos médicos caso surgisse a necessidade de uma operação. Um monitor iluminado dianteiro apresentava um rosto verde pouco amigável. A Enfermeira Registrada Autômato Tencionado a Cuidar Habilmente, Educar e Diagnosticar (Enfermeira Ratched, de forma abreviada) não se parecia comovida com o aspirador. Com uma voz enfadonha e mecânica, falou:

— Se você morresse, eu brincaria com o seu cadáver. Poderia aprender muito. Eu o perfuraria até não sobrar nada.

Isso — tal como a Enfermeira Ratched sem sombra de dúvida planejara — afetou o aspirador mais uma vez.

— Ah, não — choramingou. — Ah não, não, não, não aceito isto. Victor! *Victor*. Volte antes que eu morra e a Enfermeira Ratched comece a brincar com o meu cadáver! Ela vai me perfurar! Você *sabe* o que sinto em relação a perfurações.

Acima deles, no Jardim das Sucatas, à meia altura de uma pilha de metais descartados com pelo menos seis metros, veio o som abafado de uma risada.

— Não vou permitir que ela faça isso, Rambo — disse Victor Lawson. Olhou para os dois, com um arnês ao redor da cintura, pendurado à pilha de sucata por meio de um sistema de roldanas que havia construído. Não era nem um pouco seguro, mas Vic fazia isso havia anos e nunca tinha caído. Bem, só uma vez, mas quanto menos se comentasse a respeito, melhor. O grito que soltou por conta da úmida fratura exposta no braço foi mais alto do que todo e qualquer som que já produzira na vida. Seu pai não gostou nada daquilo e lhe disse que um garoto de doze anos não tinha motivos para estar no Jardim das Sucatas. Victor prometeu não voltar. Na semana seguinte, estava lá outra vez. E agora, aos 21, conhecia o Jardim das Sucatas tão bem como a palma da própria mão.

Rambo não parecia acreditar nele. Ganiu, com as pinças abrindo e fechando, o corpo circular tremendo conforme os pneus parrudos passavam por cima de pedaços de metal que caíam do monte de sucata. No topo do robô, em marcas desbotadas que nunca foram nítidas, havia a letra *R* e um círculo que podia ser um *O* ou um *a* minúsculo, seguido evidentemente por um *M* (possivelmente) e um *B*, antes de um último *O* ou *a*. Vic encontrara a maquininha havia anos, e nela trabalhou, com metal e carinho, até que voltasse à vida, exigindo permissão para limpar — o robô *precisava* limpar porque, se não o fizesse, não tinha propósito, não tinha *nada*. Vic levou um bom tempo

para acalmá-lo, mexendo nos circuitos até o aspirador suspirar aliviado. Foi um conserto provisório. Rambo se preocupava com quase tudo, como a sujeira no chão, a sujeira na mão de Vic e qualquer possibilidade de morte.

Uma vez, a Enfermeira Ratched, o primeiro robô de Vic, perguntou se podia matar o aspirador.

Vic respondeu que não.

Ela perguntou por quê.

Ele explicou que matar novos amigos não é algo que se faz.

— Eu mataria — afirmou a robô, com aquela voz enfadonha. — Eu o mataria com facilidade. A eutanásia não precisa ser dolorosa. Mas pode ser se quiser. — E seguiu em seu trajeto contínuo em direção ao aspirador, com a broca estendida.

Rambo gritou.

Cinco anos depois, pouco havia mudado. Rambo seguia ansioso. A Enfermeira Ratched ainda ameaçava brincar com o cadáver dele. Vic já estava acostumado.

Ele cerrou os olhos para o topo da pilha de metal, com o cabelo na altura dos ombros preso por uma alça de couro. Testou a firmeza da corda. Não era pesado, mas tinha que ser cuidadoso, a voz do pai, ainda que excessivamente preocupado, permanecia uma constante em sua mente. Afinal de contas, era muito magro, e o pai vivia no seu pé para que comesse mais: *Você é muito magrelo, Victor, coloque mais comida na boca e mastigue, mastigue, mastigue.*

O came magnético parecia firme no topo da pilha. Victor esfregou a testa com as costas da mão enluvada para impedir que o suor escorresse nos olhos. O verão estava no fim, mas ainda provocava ondas de calor.

— Muito bem — murmurou para si mesmo. — Só um pouquinho mais alto. É agora. Você precisa da peça. — Olhou para baixo a fim de testar o ponto de apoio do pé.

— Se cair e vir a morrer, farei uma autópsia — disse-lhe a Enfermeira Ratched. — O relatório final ficará disponível

depois de três a cinco dias úteis, em caso de desmembramento ou não. Mas, por cortesia, posso informar que sua morte provavelmente será causada por trauma decorrente de impacto.

— Ah, não — murmurou Rambo, seus sensores piscando vermelho. — Vic. Vic. Não se desmembre. Você sabe que não consigo limpar sangue muito bem. Entra nos meus circuitos e suja tudo!

— Ativando o Protocolo de Empatia — afirmou a Enfermeira Ratched, trocando a imagem no monitor para uma expressão sorridente, olhos e boca pretos e o restante da tela em amarelo. A portinha do lado inferior direito deslizou para cima e um dos tentáculos da robô se estendeu, afagando o revestimento de Rambo. — Pronto, pronto. Está tudo bem. Eu limpo o sangue e quaisquer outros fluidos que saiam do corpo fraco e frágil dele. Provavelmente também vai evacuar o intestino.

— Vai? — sussurrou Rambo.

— Sim. O esfíncter humano é um músculo que, com a morte, relaxa, permitindo que os dejetos deixem o corpo de forma espetacular, ainda mais se houver trauma de impacto.

Vic balançou a cabeça. Aqueles eram seus melhores amigos. Não sabia o que isso dizia a seu respeito. Nada de bom, provavelmente. Mas os dois eram como ele, de certa forma, embora fosse de carne e osso, e eles, de fios e metal. Independentemente da composição, Victor preferia pensar que todos tinham um parafuso a menos.

Ele levantou os olhos outra vez. Perto do topo dava para ver o que parecia um PCB multicamada em boas condições. Placas de circuito eram um achado raro naqueles dias, mas, apesar de ter ficado tentado a puxá-la quando a viu algumas semanas antes, não se atreveu. Essa pilha de sucatas em particular era uma das mais perigosas e já oscilava conforme subia. Levaria o tempo que fosse necessário, lidando com a sucata ao redor da

placa, até que ela caísse no chão. O trabalho exigia paciência. A alternativa era a morte.

— Vic! — gritou Rambo. — Não vá. Eu te amo. Você vai me deixar órfão!

— Não vou morrer. — Respirou fundo antes de escalar lentamente pela corda, apertando e prendendo o mosquetão a cada estágio. Os músculos finos de seus braços ardiavam pelo esforço.

Quanto mais subia, mais a pilha oscilava. Pedacinhos de metal brilhavam ao sol conforme caíam ao seu redor, aterrissando com estalidos no chão. Rambo estava delirantemente distraído do pânico agora que tinha algo para limpar. Vic olhou para baixo e o viu pegando os pedaços de sucata e colocando-os na base da pilha. Ele apitava satisfeito, como se cantarolasse.

— Sua existência é inútil — afirmou-lhe a Enfermeira Ratched.

— Não faço ideia do que está falando — respondeu feliz, conforme seus sensores piscavam em azul e verde. Deixou cair outro pedaço de metal na base antes de celebrar e girar.

Foi perto do topo da pilha de metal que Vic pausou para descansar, virando a cabeça para olhar além do Jardim das Sucatas. O bosque se esticava até onde a vista conseguia alcançar. Levou um instante para encontrar as árvores que guardavam sua casa, o abeto principal se erguendo acima dos demais.

Jogou as costas para trás o máximo que ousava para espiar pelo lado da pilha. Ao longe, fumaça subia de um monte no alto de uma enorme máquina madeireira. Tinha pelo menos doze metros de altura, e o guindaste se movia habilmente entre pilhas de metal e escombros, conforme elevava e derrubava ainda mais sucata em um ciclo infinito. Gravou o local em sua cabeça, imaginando se haveria algo de novo que pudesse ser útil.

Os outros Velhos estavam distantes.

Ele estava seguro.

Fitou novamente a placa.